

Condição Humana

(a propósito de «SAGA»,
romance de Erico Veríssimo)



O caso de Erico Veríssimo é deveras curioso adentro do moderno romance brasileiro. Os cinco romances que êsse escritor publicou anteriormente a «Saga» — «Clarissa», «Música ao longe», «Caminhos Cruzados», «Um lugar ao sol» e «Olhai os lírios do campo» — obtiveram um sucesso invulgar. E a-pesar disso, tôda a sua obra de romancista se ressent de mais graves desequilíbrios.

Qual portanto a razão do agrado dos livros de Veríssimo? Devemos procurá-la sobretudo no tom pretensamente renovador de algumas das suas obras, nas ideologias humanitaristas pequeno-burguesas de que estão repassadas e que vão ao encontro das preferências do público, numa certa propaganda acrítica de aproximação cultural luso-brasileira, tudo isto servido por um autêntico dom de escrever, um nítido domínio da técnica do romance, a facilidade com que o autor apresenta tipos e o realismo nos pormenores que nos dão as existências mediócras, as dos novos ricos e alta burguesia.

Talvez exceptuando «Clarissa» e «Música ao longe», é impossível ler-se qualquer dos romances de Erico Veríssimo sem depararmos, a cada passo, postas na boca de qualquer figura ou servindo de comentário a qualquer passagem, com as concepções sociais do autor. Ele mesmo se exprime, numa conferência auto-biográfica da maneira seguinte, acerca da posição do romancista: «Os tempos se tornaram de tal maneira complicados, tão cheios de problemas urgentes e dramáticos de ordem social que o escritor se faz a si mesmo esta pre-

gunta: *Será lícito ficar eu a construir mundos imaginários, a brincar com imagens múltiplas, formando quadros de mera e mentirosa beleza, enquanto o mundo se agita em guerras ou ameaças de guerra, desentendimentos, brutalidades de problemas sem solução?* Está claro que ao romancista não cabe a missão de resolver as dificuldades sociais. Em geral, o ficcionista não tem soluções a oferecer. Por outro lado, porém, não é lícito que êle ignore êsses problemas e procure desligar-se deles, uma vez que a vida é a matéria prima dos seus romances.»

Do autor de tais palavras é lícito esperar, através dos seus escritos, a revelação duma atitude perante a vida, concepções pessoais acerca da condição humana. Tudo se cifra em saber qual a direcção específica de tal atitude em concepções. Porque evidentemente, desde que aceitemos que a perfeição no romance consiste em êle exprimir as tendências objectivas da realidade (só traduzindo tendências subjectivas do autor na medida em que estas representam fielmente o real), temos jus a exigir como um dos requisitos essenciais dum bom romancista, uma nítida visão das realidades, capaz de abarcar e representar, sem deformações, a própria vida.

Ora o sentido de vida, as concepções acerca da condição humana que encontramos nos livros de Veríssimo, são a manifestação de ideologias pequeno-burguesas. O pequeno burguês foi definido por um grande escritor do nosso século como «um sêr que, limitado por um círculo estreito de hábitos e de pensamentos elaborados de longa data, pensa automaticamente sem